



Crátulo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários (ISSN 1984-0705)
Patos de Minas: UNIPAM (2): 162-167, nov. 2009

Literatura e Psicanálise: novas abordagens

Sabrina Perpétuo Ferreira

Graduanda da Universidade Federal de Ouro Preto. sabrinaperpetuo@gmail.com

Vania Maria Baeta Andrade

UFOP. Doutora em Literatura Comparada, Linha de Pesquisa: Literatura e Psicanálise.
Orientadora do Projeto de Iniciação Científica:
“Literatura e Psicanálise: um trabalho de citação”.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo evidenciar e divulgar novas práticas de escrita e novas abordagens da relação entre Literatura e Psicanálise. O artigo apresenta a existência de dois trabalhos já postos em prática em minha pesquisa de iniciação científica, intitulada “Literatura e Psicanálise: um trabalho de citação”: o da citação e o da letra. A própria estrutura do artigo, em forma de carta, ou melhor, *lettre*, apontará os caminhos pelos quais essas abordagens nos conduzem. A apresentação do meu projeto neste artigo será, portanto, uma tentativa de dar ao leitor alguns passos de reflexão em torno da interação entre esses dois campos. Nesse projeto pretendo criar subsídios que irão apontar outras maneiras possíveis de diálogo, fora do modelo reducionista, no qual opera uma abordagem aplicativa, ou seja, a de uma Psicanálise aplicada à Literatura, ou do uso da literatura como ilustração de conceitos analíticos.

Palavras-chave: 1. Literatura e Psicanálise. 2. carta. 3. letra. 4. citação.

Mariana, 22 de maio de 2009

Caros colegas,

Gostaria de lhes explicar, inicialmente, por que ficou decidido (não por mim, ou por minha orientadora, mas por uma *força* causada a partir do *trabalho* do meu projeto) que a melhor maneira de apresentar este artigo seria, simplesmente, por meio de uma *carta*. Uma carta. Trata-se de uma condensação significativa que a palavra francesa *lettre* – que designa tanto letra como carta – comporta. Ou seja, encontramos aí a noção de letra e o papel da carta. Podemos pensar a carta como suporte material que vela/re-vela uma mensagem; ou

como forma eficaz de uma comunicação. Uma carta, nos diz Jacques Lacan, sempre chega a seu destino. Tal noção, a noção de *lettre*, tornou-se fundamental por ser um dos suportes teóricos do meu projeto de iniciação científica. Podemos encontrar essa noção, já no início dos *Escritos* de Jacques Lacan, em um texto no qual a psicanálise se encontra com a literatura/letra de Edgar Allan Poe: “A carta roubada”. Nesse texto, o psicanalista vai trabalhar com a idéia de letra como átomo significante e, ao mesmo tempo, carta, envio¹. Será justamente nesse ponto, *ponto de letra*, que meu projeto de pesquisa – intitulado “Literatura e Psicanálise: um trabalho de citação” – ganhará corpo.

Quando lhes disse a respeito de uma *força* causada a partir do *trabalho* do meu projeto, pretendia com isso deixar claro que a palavra *trabalho* foi aqui tomada no sentido de que há, na realização deste, um processo ou um movimento constante de construção e desconstrução de *conceitos e limites*.

Por falar em conceitos, tem sido fundamental entender que, diferentemente do que se entende por *conceito* no meio acadêmico, para a psicanálise, ele, o conceito, será concebido como isomorfo à formação do inconsciente. Isso quer dizer que, citando Ritvo, “o conceito mantém com seu objeto a mesma relação que a demanda mantém com o desejo” (RITVO, 2000, p.10). Ou seja, a demanda é articulada enquanto vai construindo, em seus movimentos, um espaço central que é o desejo. Uma vez que esses movimentos vão girando em torno desse espaço, e não se sobrepondo, isso implicará que as determinações não vão substituindo umas às outras, mas, sim, suplementando. Desse modo, percebe-se que, na Psicanálise, o conceito somente se fecha em torno do seu próprio vazio. Em outras palavras, “o conceito está estruturado em função de um ponto de impossibilidade do qual não pode dar conta” (RITVO, 2000, p. 11). E aqui está o rigor psicanalítico, já que em cada momento, e sempre de modo diferente, o ponto de impossibilidade está ligado ao *umbigo do real*.

Peço a vocês, agora, que voltem o foco para a palavra *limite*, pois, a partir dos encontros que essa palavra proporciona, busquei os fundamentos teóricos, os quais sustentam os objetivos do meu projeto.

Na tentativa de trabalhar a relação entre a Literatura e a Psicanálise, fora do modelo reducionista, no qual opera uma abordagem aplicada, ou seja, a de uma Psicanálise aplicada à Literatura, ou do uso da literatura como ilustração de conceitos analíticos, tento criar com esse projeto subsídios que irão apontar outras maneiras possíveis de interação entre esses dois campos. Meu projeto de pesquisa tem, dessa forma, o objetivo primeiro/primário de elaborar um “mosaico de citações”. Esse mosaico está sendo organizado a partir de verbetes em torno de palavras-chave selecionadas do campo de interseção entre a Literatura e a Psicanálise.

A partir desse ponto, gostaria de chamar a atenção para dois trabalhos postos em prática: o da citação e o da letra. Esses trabalhos apontam também para a noção de *limite*,

¹ RITVO, Juan. Conferência: O conceito da letra na obra de Lacan. Transcrição de fita e tradução: Angêla A. Mathews. *A Prática da Letra*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, n. 26, p. 11, ano XIX (2000).

acentuada desde o início. Uma noção que será da ordem do *litoral*, e não da fronteira, por demarcar territórios de distinta natureza (A letra como *litoral*: entre o Simbólico e o Real). A idéia de *literal/litoral* pode ser encontrada em *Outros escritos* de Jacques Lacan, no texto “Lituraterra”. Sobre esse texto cabe agora esclarecer que se trata de um dos escritos em que o psicanalista avança na elaboração da noção de *letra*. Sabendo, então, que essa será uma temática vasta e recorrente em toda sua obra, e que, portanto, necessitará de um estudo mais detalhado, decidi abordá-la como sendo um dos objetos de estudo teórico da pesquisa. Sendo assim, fica marcado aqui um dos objetivos secundários, ou seja, o de estudar a letra enquanto prática, melhor dizendo, estudar a *prática da letra*, na medida em que assim ela for me convocando. Preciso dizer, desde já, que, devido a sua relevância, será necessário discutir esse assunto em uma futura carta, ou melhor, *lettre*. Recorro aqui às palavras de Lacan para justificar esse adiamento:

Como lhes transmitir essa emoção que tomou conta de mim quando, debruçado sobre uma dessas vitrinas, eu vi, sobre uma costela fina, claramente uma costela de mamífero – eu não sei bem qual, e eu não sei se alguém saberia melhor do que eu, tipo de cabra ou cervídeos –, uma série de pequenos riscos: primeiro dois, depois um pequeno intervalo e, em seguida, cinco, e depois tudo recomeça (LACAN, apud MACHADO, 1998, p. 198).

Contudo, gostaria de reforçar neste momento, que será justamente nesse ponto, *ponto de letra*, em que acredito haver um *ponto de encontro* fecundo entre a Literatura e a Psicanálise. Dois campos que, embora distintos em suas especificidades, atuam com a *prática da letra*. Recorro aqui às idéias de Ram Mandil, em seu texto intitulado “Para que serve a escrita?”, no qual o autor, na tentativa de responder a essa pergunta, partirá da hipótese de que, na Psicanálise, sobretudo após Lacan, a escrita servirá para escrever o que não pode ser escrito: “O que está indicado aqui é que escrevemos a partir do que não pode ser escrito, isto é, movidos pelo que não é capaz de se inscrever” (MANDIL, 1997, p.104). Assim também nos disse Clarice Lispector: “Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso da minha linguagem”.

Ram Mandil nos dirá ainda que será no contexto das interpretações literais de Freud que poderemos pensar uma outra relação entre a Psicanálise e a Escrita, ou seja, a partir *de uma leitura do que se ouve do inconsciente*. Se seguirmos então esse raciocínio, observaremos a possibilidade de uma nova relação entre a Psicanálise e a Escrita, na qual irrompe a força da letra.

Reforço essa relação, *literatura-psicanálise-escrita*, através da idéia de Michel Foucault em *As palavras e as coisas*, na qual a Literatura (a partir da contemporaneidade) e a Psicanálise ocupam o lugar de *contraciências*, que, para além ou aquém do conhecimento do próprio homem, fazem reaparecer, “em sua insistência enigmática”, “a questão do ser da linguagem”. Desse modo, fascinada pelo ser da linguagem, a palavra literária acaba por se encontrar com a palavra psicanalítica.

Retomo, agora, o que eu havia já mencionado: a existência de dois trabalhos postos em prática em minha pesquisa. Ou seja, o trabalho da citação e o da letra. Então, ainda falta lhes contar sobre o trabalho da citação. A proposta de confeccionar um “mosaico de citações” obedece à idéia de tomar a citação como trabalho. Tal idéia ganhou consistência teórica com as elaborações formuladas por Antoine Compagnon em *O trabalho da citação*. Nesse sentido, é importante destacar que, tal qual Compagnon, tomo a citação como uma prática de leitura, ou seja, aquilo que, na leitura de um texto, nos solicita, nos excita, nos põe a trabalho. Isso é o que produz uma citação. Poderíamos também pensá-la, com Roland Barthes, em seu *Prazer do Texto*, e dizer: esse texto me quer. Acredito, portanto, que compor um texto de citações é também oferecer um convite à leitura, por meio de fragmentos que solicitam e provocam.

Convido-os, ainda, a refletir sobre até que ponto poderíamos alcançar os *limites* proporcionados pelos textos. Porque, se tomarmos a noção de *intertextualidade*, assim como foi formulada por Julia Kristeva, somos lançados à deriva de pensar que “todo texto é um mosaico de citações”.

Sobre isso, poderia dizer-lhes que as idéias de trama e tessitura mostram-se fecundas para a prática da letra. Citarei uma passagem do conto “Amor”, de Clarice Lispector, a fim de evidenciar essa trama e tessitura, na qual a escrita de Clarice não cessa de nos entrelaçar. Um entrelaçamento feito por fios-*limites*, ao fazer uma peculiar travessia: da letra literária à letra literal: “A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido” (LISPECTOR. 1998).

Retorno, agora, ao texto “O amor é cego”, de Lucia Castello Branco, no qual será abordada a questão da travessia da escrita em Clarice Lispector. Nele podemos vislumbrar a travessia da escrita como uma travessia do amor, e esta não deixará de corresponder ainda à travessia da letra. Uma correspondência, uma carta, uma letra: *lettre*. Um amor correspondido, um amor *de* ou *por* correspondência? Um amor tal qual o mito do andrógino, trazido por Aristófanes, no *Banquete* de Platão? Ou um amor como o de Poros e Penia, um amor cego, sem correspondência, como o que Diotima nos conta nesse mesmo *Banquete*? Trata-se, no texto de Clarice Lispector, de uma travessia. Nesta, o texto, correspondentemente, vai se esgarçando – os fios partidos, a rede perdera o sentido. Resta o que Lucia Castello Branco chamará de *ponto de letra*, antes que os fios se recomponham, e a escrita, diante do espelho, se normalize.

Chegando, então, nesse ponto de encontro – da letra com o amor –, penso que não será impróprio da minha parte terminar esta carta fazendo-lhes uma confissão. Na verdade, o que pretendo lhes dizer tem a ver com aquela *força*, à qual me referi no início desta carta, e na qual atribuí minha decisão de estabelecer este artigo como uma carta. Esclareço ainda que essa *força* é da ordem do *arrebato*. Arrebato assim como o recebi de Lacan:

Arrebatamento – essa palavra constitui para nós um enigma. Será objetiva ou subjetiva naquilo em que Lol V. Stein a determina?

Arrebatada. Evoca-se a alma e é a beleza que opera. Desse sentido ao alcance de mão iremos desembaraçar-nos como for possível, com algo do símbolo.

Arrebatadora é também a imagem que nos será imposta por essa figura de ferida, exilada das coisas, em quem não se ousa tocar, mas que faz de nós sua presa. (LACAN, 2003, p. 198)

Confesso que foi a partir do arrebatamento – do momento em que me senti arrebatada – ao me deparar com uma prática de escrita usada por Vania Maria Baeta Andrade, em sua tese *Luz Preferida: a pulsão da escrita em Maria Gabriela Llansol e Thérèse de Lisieux*. Essa prática, simplesmente, foi a de escrever a tese em forma de cartas: cada capítulo, uma carta. A partir de então, pude, enfim, decidir, dentre tantos outros motivos que já me levavam a essa direção, utilizar também a *carta* como forma de apresentação deste artigo. Conto-lhes ainda que, sendo essa também uma prática de escrita utilizada por essas três mulheres (a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, a Santa Teresinha de Lisieux e o estudo de Vania Baeta), achei mais interessante utilizar, isomorficamente, essa mesma prática. Dessa forma, findo, aqui, com uma citação de Maria Gabriela Llansol. Justamente, por ter sido atravessada pelos fios deixados em sua escrita.

Rasguei-me a mim próprio e quis deitar-me fora. Por isso, te deixo este bilhete.

Vieste e foste.

Não foi por isso que te amei menos.

Em mim, não se realizou a tua conjectura sobre a ressurreição da carne _____

Reconhecerás tu, neste impulso da visão, uma carta de amor? (LLANSOL, 1998)

Referências bibliográficas

ANDRADE, Vania Maria Baeta. *Luz preferida: a pulsão da escrita em Maria Gabriela Llansol e Thérèse de Lisieux*. 2006. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva. 1996.

BRANCO, Lucia Castello. A escritura não tem anel, in: BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

BRANCO, Lucia Castello. O amor é cego, in: BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

BRANCO, Lucia Castello. O sopro Clarice, in: BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein, in: *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. Lituraterra, in: *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Ardente Texto Joshua*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. Amor, in: LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MACHADO, Ana Maria Netto. *Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.
- MANDIL, Ram Avraham. Para que serve a escrita?, in: MANDIL, Ram Avraham; Maria Inês de Almeida (org.) *Para que serve a escrita?*. São Paulo: EDUC, 1997.
- POE, Edgar Allan. A carta roubada, in: POE, Edgar Allan. *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- RITVO, Juan. Conferência: O conceito da letra na obra de Lacan. Transcrição de fita e tradução: Angêla A. Matheus. *A Prática da Letra*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, n. 26, ano XIX (2000).